



## **CONCEPÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS DE UMA CRECHE MUNICIPAL EM RECIFE**

Rosângela Maria de Oliveira

*Universidade federal de Pernambuco  
Estudante da Pós Graduação (Lato Sensu) em Educação Infantil CEEL/UFPE  
[rosas24pliveira@hotmail.com](mailto:rosas24pliveira@hotmail.com)*

Este estudo pretende compreender as concepções sobre as relações de gênero na educação infantil a partir do que dizem as professoras de uma creche pública do Recife, assim sendo elementos contidos na trajetória histórica da creche, evidenciada através do predomínio feminino e as reverberações na prática pedagógica. O objetivo central é: investigar, no lócus do estudo, como estes discursos sobre as relações de gênero são reveladas nas atividades educativas. Para o desenvolvimento deste trabalho optamos pela pesquisa qualitativa, através de observações de campo e como metodologia para obter as falas das professoras escolheu-se a influência da teoria dos Círculos de Bakhtin, numa compreensão de que as reflexões verbais podem constituir representações individuais e coletivas, organizadas em três rodas de conversa que a todo tempo aparecem nos espaços de educação. Embasamo-nos em Rizzo (2000) Priore (1991) e Finco (2010) para as definições sobre relações de gênero tomamos a ideia de identidade de Louro (2000). Evidenciando assim, a relevância deste trabalho para contribuir com discussões sobre gênero em espaços coletivos de educação infantil. Os resultados da pesquisa apontam os elementos como controle, determinismos sociais, ações estabelecidas para definir como meninos e meninas se distinguem na escolha de brinquedos e brincadeiras, o corpo e a presença masculina no espaço de predomínio feminino e as relações que configuram este espaço naturalizando ou desconstruindo as concepções analisadas.

**Palavras-chave:** Creche. Gênero. Educação.

### **INTRODUÇÃO:**

A sociedade brasileira culturalmente traz arraigada em si as características de um país colonizado em que determinou as mulheres e homens, papéis sociais distintos, originando um processo excludente e preconceituoso.

Nesse sentido, o interesse pela temática de gênero na educação infantil partiu durante a inserção no cotidiano de um espaço coletivo público para educação, ou melhor, a minha inquietação profissional, atuando em uma Creche municipal em Recife, local predominantemente feminino que me possibilitou perceber as concepções sobre as relações de gênero, comumente refletidas nas práticas pedagógicas.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A relevância deste trabalho está em perceber que a educação exerce um papel fundamental no processo formativo da sociedade como um todo, inclusive atuando com sujeitos de tão tenra idade (as crianças de 0 a 3 anos), em que a construção social das relações sobre gênero pode ser debatidas, reforçadas, questionadas, ou mesmo incorporadas.

Assim, conhecer as concepções destes professores e professoras se exprime pela necessidade de buscar uma epistemologia de formação que suscite reflexões sobre o tema. Sendo assim, tendo como base a seguinte indagação: Quais discursos sobre a relação de gênero, pode se observar refletidas nas práticas pedagógicas? Considerando o problema exposto, espera se que elementos sociais, culturais e históricos provavelmente possam ser encontrados como influência no discurso das educadoras.

Com essa ideia, fiz um levantamento no banco de dissertações e teses da CAPES, localizando 43 publicações sobre gênero na educação infantil. Entre as pesquisas, resalto Salva (2012), Buscar (2009) e Finco (2003), nas ideias destas autoras consigo aproximação no que proponho a pesquisar, uma vez que elas retomam um debate sobre gênero e levantam fundamentais discussões sobre a divisão social dos papéis designados aos homens e mulheres se distinguem por uma relação de poder e submissão, a educação formal, possui papel essencial para manter um debate democrático, não sexista.

No entanto, as referidas publicações apontam para um predomínio de concepções repletas de preconceitos que acabam reforçando valores culturais em que a menina é caracterizada como frágil, passiva, prestativa, responsável, um ser doméstico que veste rosa e chora muito, enquanto os meninos são agressivos, não choram, veste azul e são seres sociais. Estas propagações causam grandes consequências para aumentar a desigualdade de gênero.

Para tanto, tais pesquisas contribuirão para o desenvolvimento deste processo em busca do conhecimento, foi realizada um levantamento referencial preliminar sobre o tema. Ainda na fundamentação teórica, busquei suporte em teorias sobre gênero, análise do discurso e práticas pedagógicas, embasada no que diz Louro (1999) sobre as relações de gênero, destaca:



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

É um conceito que pretende desestabilizar o biologicuíssimo e o economicismo com os quais se tem justificado as diferenças e as desigualdades sócias entre mulheres e homens, e por meio do qual se argumenta que tais diferenças e desigualdades são social e culturalmente produzidas, e múltiplas instancias, em diferentes praticas e instituições e sociais e através de muitas linguagens. (LOURO, 1999 p.17)

Segundo a autora, percebe-se que a construção de gênero é reproduzida em diferentes situações que pode ser no trabalho, nos espaços educacionais e na vida social. Podemos destacar inúmeras profissões que historicamente foram compostas com a maioria feminina, normalmente associada ao cuidado e as atividades domésticas, assim profissões como enfermagem e professora especificamente na educação infantil são atividades ligadas a esse conceito.

Para ampliar tal discussão o objetivo geral do presente é compreender as concepções de professoras e as implicações destas concepções, no contexto das práticas pedagógicas na instituição de educação infantil municipal do Recife. Mas, sobretudo: investigar, no lócus do estudo, como estes discursos sobre as relações de gênero são reveladas nas atividades educativas. Dimensionar o quanto a compreensão sobre gênero potencializa e fortalece as desconstruções e preconceitos presentes na sociedade e desvelados na educação e cuidado das crianças de 0 a 3 anos. Discutir como as contradições expressas por participantes podem deixar explícito as reproduções culturais e sociais no espaço educacional.

## **Metodologia**

O presente estudo tomou como instrumento metodológico, a roda de conversa como possibilidade de coleta de dados, tal ação busca compreender o sentido que as professoras de uma creche municipal, enquanto grupo social estabelece nas relações de gênero nesse espaço de educação infantil. De abordagem qualitativa, escolhi como instrumento de apreensão de dados, a observação do cotidiano das atividades pedagógicas, organizadas através de três rodas de conversa, um processo de narrativas coletivas com a participação de três educadoras atuantes a mais de quatro anos na educação infantil, revelamos em uma das rodas: o cuidado e a higienização das crianças e a participação masculina, a descrição de mais um sujeito, o auxiliar de desenvolvimento infantil masculino, servidor público que atua na creche há quatro anos, observamos e transcrevemos sua narrativa para melhor compreensão de fazer pedagógico e cuidar masculino.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O campo de pesquisa será uma creche da zona norte do Recife, optou-se por essa experiência metodológica trás como inspiração as teorias de círculo de dialogo de Bakhtin com a proposta de que os participantes possam revelar concomitante, concepções expostas, impressões, opiniões sobre as relações de gênero e participar de uma confrontação simples.

Diante da influência do círculo de Mikhail Bakhtin, não nos aprofundamos em sua teoria, mas construímos uma metodologia que prima sobre o diálogo e a construção coletiva de aprendizagens, revelando ser possível algumas reflexões importantes sobre as falas das professoras e suas interações com as crianças e atores que também protagonizam o universo da creche, profissionais como os e as auxiliares de desenvolvimento infantil que neste município são responsáveis diretos segundo atribuições publicadas em caderno oficial por cuidados como a higienização dessas crianças.

A roda de conversa nos permite escutar, falar, participar, perceber ser percebida, é um espaço de troca, conversar, perceber o outro e si mesmo, formação colaborativa, pois através do outro e suas experiências, reflexões, discordâncias, apreensões sem que isso não exija um rigor metodológico, uma compreensão significativa favorecendo a produção científica.

Assim sendo, as rodas contavam com alguns elementos ,utilizando apresentação de imagens relacionadas ao tema apresentada as participantes, além de um texto para subsidiar a temática iniciando uma pesquisa bibliográfica. Permitindo me compreender mais sobre as relações de gênero para subsidiar esse dialogo teórico-metodológico, entre as falas captadas e no contexto empírico, para obter dados através de gravações de vídeo-áudio, a obtenção destas imagens e áudio, serviu de apoio além das observações registradas através de um diário de campo. A pesquisa ocorreu no município de Recife na Rede Publica de ensino, esta escolha se deu por atuar como educadora neste município e com isso ter maior alcance.

### **CONCEITOS SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Este tema nos conduz para fazermos uma reflexão que demanda discussão teórica - conceitual quanto à avaliação de como naturalizamos as atividades orientadas por características de gênero, de forma crítica perceber de como os espaços educacionais estão imersos neste contexto e a forma de enfrentamento de possíveis problemáticas. Nesse sentido, o conceito de gênero que tomamos como referência , Louro (2000, p.17), destaca:



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

É um conceito que pretende desestabilizar o biologicuíssimo e o economicismo com os quais se têm justificado, a diferença e as desigualdades sociais entre mulheres e homens, e por meio do qual se argumenta que tais diferenças e desigualdades são social e culturalmente produzidas, e múltiplas instancias, em diferentes práticas e instituições sociais e através de muitas linguagens.

Segundo a autora, percebe-se que a construção de gênero é reproduzida por tanto em diferentes situações que pode ser no trabalho, nos espaços educacionais e na vida social, assim podemos destacar inúmeras profissões que historicamente foram compostas com a maioria feminina, normalmente associada ao cuidado e as atividades domésticas. Dessa maneira profissões como enfermagem e professora são atividades ligadas a esse conceito.

Sobre o predomínio feminino e o masculino permanecerem no mesmo espaço, observa-se que existe uma “naturalização” da mulher na função de cuidadora, o masculino na maioria das vezes é poupado de atividades como higiene, há uma rejeição por parte da família a presença masculina, sendo reforçado ainda por afirmativas preconceituosas por parte da comunidade escolar.

Buscamos assim revelar que na busca por identidades, inclusive profissionais o sujeito é interpelado a ser, e a agir de acordo com um padrão estabelecido socialmente, os dados podem ser confrontados com o que afirma Louro(2000) que a mulher biologicamente esta precisa realizar atividades nas quais se atribuem ao feminino, a evidencia física logo é conceituada e gera expectativas comportamentais.

Já no masculino é representado pela virilidade irracional, relacionada inclusive a violência, aos abusos e as representações ligadas a um ser sexual e social, enquanto o feminino ainda que ocupando a mesma função profissional se atrela as concepções de assexuada e inerente ao ambiente doméstico. A seguir será demonstrado com o foi realizada a pesquisa, que trás elementos concretos do que foi dito acima, de práticas vivenciadas na educação infantil, no ambiente creche.

**Faces e interfaces das brincadeiras infantis no contexto das relações de gênero.**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O nosso estudo versa sobre a relação de gênero na educação infantil e a concepção destas professoras, objetivando entender de que forma conceitos são construídos e desconstruídos e se esta roda de conversa permite a escuta e através dela o diálogo com os pares e consigo mesmo sobre o tema proposto.

A primeira roda de conversa guiada pela questão tema: brincadeiras infantis, regras para meninos e meninas, cujo propósito é permitir o diálogo sobre de que forma apresentamos o repertório de brinquedos e brincadeiras revelando as faces e interfaces do lúdico e as relações de gênero para as crianças inseridas na creche.

A partir da marcação antecipada desta roda de conversa, organizamos o ambiente de roda no espaço externo da creche, ao fundo, no local de parque escolar, uma meia roda foi formada, perto da casinha, escorrego e balanços, as professoras após receberem as crianças na sala e deixarem com outros educadores e estagiárias, desceram e se acomodaram, sugerimos uma breve apresentação nome, quanto tempo leciona e a faixa etária da turma, apresentamos que a roda de diálogo seria uma metodologia usada e que os dados serão para pesquisa acadêmica.

Logo em seguida, receberam uma caixa de papelão com imagens diversas de brinquedos para serem catalogados e divididos entre as crianças. Entre esses estavam bonecas, panelinhas, cavalos, bolas, carros e espadas, algumas imagens repetidas e uma lista com as crianças matriculadas, seguindo uma ordem alfabética, a escolha de continuar com a imagem ou não a dinâmica se constitui em retirar uma imagem aleatória e em seguida o nome da criança para saber se a professora daria aquele brinquedo mostrado na imagem, a princípio foi alternando a leitura dos nomes nas três atas diferentes para oportunizar a opinião das professoras.

Percebi também diversas meninas brincando, empunhando uma espada construída com blocos de montar, entusiasmadas desafiando outras meninas e meninos. Mas a brincadeira era logo interrompida pelos adultos com a justificativa de que elas eram moles e não aguentavam brincar, e os meninos eram pouco advertidos, as meninas deveriam sentar – se para brincar de boneca, os meninos poderiam fazer o que quisessem sentar, pular, correr, saltar, gritar, com poucas interrupções.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Dessa maneira é possível salientar que essa forma organiza as meninas para espaços restritos tendo valores e comportamentos tidos como “domésticos”, contudo os meninos são livres para circular socialmente sem vigilâncias ou punições.

Louro (2002) considera que as relações de gênero têm um elemento importante para ser debatido entre tantos outros, a representação da “diferença”, um ponto importante para discussão, uma vez que nos discursos apresentados as distinções entre meninos e meninas são presentes, destacamos esse trecho da fala da professora Carla; “*Nas brincadeiras livres percebemos que o universo infantil das meninas é muito diferente dos meninos*”.

Neste mesmo sentido, Louro (2002) afirma que nossas crianças são inseridas no contexto de educação como se não tivessem corpos, somente intelecto a produzir expressão, e que diferentes vivências são sistematizadas no ambiente escolar para o corpo ser controlado.

E, quando essa criança possui um corpo que será tocado por mãos masculinas? Profissionais, porém masculinas, esse dilema foi percebido no primeiro dia em que a roda de conversa foi realizada, deparei-me com a organização do banho das crianças e presenciei uma proposta de organização desse momento em que uma estagiária sugeria a um Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, masculino, que ele higienizasse somente os meninos e elas as meninas, essa divisão foi rejeitada pelo educador, o mesmo explicou que a preocupação dela não poderia ser aceita, pois fortalece preconceitos, reforçam a ideia do homem como abusador de meninas.

Aparentemente a explicação a convenceu estagiária que continuou chamando as crianças uma a uma para trocar suas vestes, a presença masculina nessa creche assim como os desdobramentos diários tornou se tema desta segunda roda, além disso, o registro da fala desse educador foi atrelado a esse contexto, sendo preservada sua identidade real, perguntamos se ele percebe dificuldades pelo fato de ser homem, a sua resposta foi:

*Pesquisadora-Você já sentiu alguma dificuldade pelo fato de ser homem?*

*Fernando - Sim percebo certa resistência o olhar de observação, se eu não estou excedendo... Já passei por três creches e em todas as creches as famílias propuseram que eu não desse banho (...). Estou ADI há quase 4 anos e o estranhamento por parte dos pais que queriam proibir minha presença na sala até mesmo pra ficar me monitorando, uma mãe afirmou que este não era um trabalho para homem, outra educadora perguntou qual seria ?E, ela respondeu: porteiro, segurança, motorista, professor na escola do Estado, reverter essa ideia foi e é uma construção diária em que você tem que conviver*



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

*com a desconfiança constante de que você pode causar algum mal a uma criança, se alguma chorar, perguntam logo o que foi? Como se eu tivesse agredido, a desconfiança não é só das famílias, os meus pares ainda não desconstruíram essa ideia preconceituosa, sou um profissional, houve situações que foi retirado um estagiário da sala, para não ficarem dois homens numa mesma sala, tentamos trabalhar desconstruindo a ideia de que aquele espaço é um lugar de educação, afirmando a autonomia da criança e ensinando o cuidado (Fernando, 31,2016).*

Ao analisarmos a fala desse educador, percebemos a forma como a sociedade estabelece o padrão de comportamento esperado para um homem que está associado à cultura de violência doméstica, pois os homens são tidos como aqueles que não têm atenção, agressivos e violentos.

Observando momentos de interação entre as crianças e diversos educadores as crianças naturalizavam momentos de banho, escovação dentária apenas uma professora acompanha as crianças nessas atividades, sem demonstrar nenhum desconforto, timidez ou receios. São os adultos com suas falas e atitudes que consolidam nas relações sociais infantis seus medos, estranhamentos e preconceitos.

Assim, Louro (2000) ressalta que as instituições educacionais possuem parte essencial nas suas concepções tornando com que algumas práticas sejam naturalizadas ou desconstruídas.

**Pesquisadora** – *As imagens aqui mostram atividades relacionadas a higiene infantil troca de fralda, escovação, banho, alimentação o que acontece diariamente na creche, inclusive com a participação direta de um homem ,vamos conversar um pouco sobre isso ?*

As imagens apresentadas as professoras nesta roda são apresentadas nesta sequência : A primeira imagem, quatro pais de diferentes etnias enfileirados ,empurrando carrinhos de bebês, passeando num parque ,em seguida duas imagens com homens trocando fralda e dando banho em bebês ,a terceira imagem um homem alimentando duas crianças ,um bebê e outra criança maior com aproximadamente dois anos e ao lado um homem ,ajudando uma criança a fazer escovação bucal.

**Carla** – *Na prática eles se esquivam muito das obrigações pelo fato de ser homem e usam essa justificativa por causa do preconceito do pessoal que acham que eles não devem fazer porque são homens e tal ai eles usam isso já pra não fazer as coisas que tem que fazer, na creche estou me baseando nos estagiários com exceção do ADI que faz tudo, só tem um, no caso dos estagiários sim, eles não querem fazer, o certo é que as tarefas devem ser feita de forma igual, alguns se esquivam dizendo que não sabe fazer, no caso os estagiários, mas se trabalhar comigo vai ter eu fazer e acabou - se.*

No extrato acima, percebemos que a professora identifica uma suposta negação de alguns dos homens atuantes na creche recusarem - se a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

desenvolver as atividades de cuidados primários, principalmente o banho, mas que a educadora se recusa a aceitar a isenção masculina nessas atividades considerando que as atividades deles devem ser realizadas sem divisão do trabalho por gênero e a experiência dela em rejeitar as justificativas, é baseada na sua vivência pessoal de homens em sua família participarem dessas atividades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desse estudo, refleti sobre as relações de gênero ambientadas na creche e sobre a luz dos discursos das professoras na roda de conversa, e esse dialogo em circulo nos possibilitou algo que extrapola a construção acadêmica, foi “um rasgar e remedar de falas” que amplia a consciência de si e do outro, mas que a objetividade nos faz indagar a cada fim de encontro, questões tecidas como essa: Como nós mulheres, professoras fortalecemos esses discursos machistas e posteriormente em nossa sociedade vivenciamos opressões, sentidas dentro e fora das nossas escolas? Pois, a instituição de educação infantil ainda é alicerçada em paradigmas culturais que reforçam os estereótipos de gênero em suas ações pedagógicas.

Em algumas situações, foi possível observar nas práticas pedagógicas um esforço para romper com o senso comum, o lugar de fala que é seguro de não questionar as ações masculinas na creche, foi percebido, momentos de confronto e inquietações sobre a participação masculina em atividades como banho, troca de fralda, pentear o cabelo.

Outras vezes, porém, as ações e falas não eram contrárias às práticas que normatizavam os corpos femininos e masculinos estabelecendo brincadeiras e brinquedos preestabelecidos para as crianças, distinguindo - se entre meninos e meninas.

Assim, ao invés de favorecer uma educação não sexista, as diferenças são consideradas desigualdades, e apesar do predomínio feminino, a creche é pensada e construída como fruto de uma educação machista, isso não quer dizer que não prejudique os homens e meninos que estão inseridos tenham privilégios, ao contrário, os roteiros sociais em que estão submetidos, os impõe a não viver a infância em sua plenitude, no caso dos meninos e os homens, recorrentemente, são alvos de questionamentos e desconfianças, as expectativas geram sempre numa postura preconcebida de que o homem é caracterizado como agressor, sério, sem conhecimentos lúdicos ou sem habilidades para o que é dito : “ atividades de mulheres”. Para isso, lembro-me do que diz o autor “há sempre nessa seriedade, um elemento de medo e intimidação” (Bakhtin, 1993,78).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Os entraves observados sobre a relação de gênero apontam para falta de debate sobre o tema, as discussões são quase que inexistente pautada nas próprias falas sem remeter a nenhum aporte teórico ou sem subsídio formal por parte da gestão pública sabe – se que o trato das relações de gênero no local público é tido com desconfiança e resistência e não foi diferente o cenário encontrado.

Contudo, em tempo, concluo esse estudo em momento difícil, sobretudo para as mulheres, torna se imprescindível para a sociedade o debate sobre as relações de gênero, elencar uma idade ou um local para iniciar? Aponto a creche como um dos lugares importantes para construção desse debate com crianças de tenra idade, pois se evidentemente incorporar ao currículo a discussão, elevar a metodologia do ensino para conhecer e reconhecer que existem relações desiguais entre homens e mulheres, e a estas o significado dessas desigualdades pode significar a morte, é a possibilidade de ampliar a possibilidade de termos êxito na desconstrução de tantos preconceitos, de certo que a educação é um caminho real e sólido que pode possibilitar novas relações, contrariando o atual modelo que estruturalmente prejudica a nós, todos e todas.

## **Referências**

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. Disponível em: <<http://www.capes.com.br>>. Acesso em: 9 abr. 2015.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 10.172/2001, de 09 de janeiro de 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm)> Acesso em: 9 abr. 2015.

FARIA Ana Lucia de Goulart. **O coletivo infantil em creches e pré - escolas: falares e saberes**. São Paulo, Cortez, 2007.

FINCO Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Revista Campus. Campinas, v. 14, n. 3, p.101-109 set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.capes.com.br>> Acesso em: 8 abr. 2015.

FREITAS, Maria Teresa et al. **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTE, J. B.; BÚRIGO, S. A. N. Desenvolvimento infantil sob o enfoque psicológico. São Paulo: McGraw-Hill, 2003.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

RECIFE. Secretaria de Educação, Esporte e Lazer. **Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: Subsídios para Atualização da Organização Curricular.** Élia de Fátima\_\_ Recife: Secretaria de Educação, Esporte e Lazer, 2012. Disponível em<<http://www.recife.pe.gov.br> ) Acesso em 09 de Abril de 2016.

RIZZO, Gilda. **Creche, organização, currículo, montagem e funcionamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SALVA, Sueli. **As relações de Gênero:** entre as fronteiras de masculinidades e feminilidades. UFSM, v.12. Disponível em<<http://www.Anped.com.br>) Acesso em: 8 de Abril de 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidades:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.